

A QUEDA DA DASINHA JADUMÃ

[Conto]

Toni Elifran da Silva

Ouçá no Spotify



Submissão: 08/10/2024

Aprovação: 06/12/2024



SOBRE O AUTOR/A/OS/AS:

Graduando de Letras Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e formado como Técnico em Informática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Bolsista voluntário na Bibliopong, membro do projeto de extensão Quarta Cinematográfica (FE/UERN) e do Laboratório de Produção Escrita Acadêmica (LAPEA) (FALA/UERN). Suas áreas de interesse incluem Linguística Textual, Literatura, Libras, Artes e Design.

A queda da casinha Jacumã

Toni Elifran da Silva

Há alguns meses um grupo de pessoas se juntaram na Boca do Povo, uma espécie de coreto da comunidade, para discutir uma pauta importante: a queda da casinha Jacumã. A construção ficava sob o mar, era de madeira e tinha um suporte de palafitas, servindo de observatório no tempo da safra do lagostim e também de depósito para alguns pescadores no defeso da lagosta. Mas por falta de manutenção e tempo, ela acabou caindo. A casinha Jacumã fora, por muito tempo, um símbolo da Redonda.

A comunidade costeira, que tinha o formato de semicírculo, quase uma enseada, tinha algumas falésias numa ponta e longas dunas de areia na outra. O mar era calmo, azul e ciano, com ondas suaves e leves que iam e vinham na costa.

Seu Raimundo foi logo dizendo que a casinha já cumpriu um propósito no passado, mas graças às novas tecnologias, os pescadores já conseguiam se manter bem no mar, sem ela.

— Na verdade, sempre conseguiram — falou Dona Dendê. — E essa ideia de fazer uma nova casinha, eu não concordo.

— Por que, mulher? — perguntou finado Afonso, que ainda era vivo na época.

— Ô, Afonso, *pra* que mexer mais nesse problema? A casinha se foi, deu o tempo dela, e uma hora vai dar o nosso também. A casa de farinha, que eu trabalhei quando era nova, também *tá* lá se acabando, lá na serra, e aí? Vão fazer uma nova também?

— Calma, *cumadi*, eu sei disso. Só queria ouvir seu lado — explicou finado Afonso. — Eu *mermo* já *num* pesco faz dois anos, graças a Deus eu me aposentei. E gostava da casinha também, igual Seu Raimundo, mas *num* vejo mais necessidade de fazer outra, até porque aquela deu um *trabái* danado.

— Meu povo, é o seguinte: a ideia da nova construção *num* é ser igual a outra, *num* tem precisão. A ideia é evoluir, temos que ir *pra* frente e continuar melhorando — anunciou Antônio, que foi quem solicitou a reunião. — Óia, o plano é que a gente construa um mirante, lá onde era a casinha, no meio do mar. Hoje tem turista aqui na Redonda direto! A gente precisa é dar motivo pra eles ficarem e gostarem daqui! Se der, a gente pode até vender coisas lá dentro!

— Tá doido, *Antôim*? — Seu Raimundo se exaltou, abrindo os braços — *Abombasta!* Um mirante no mar! Depois, vai transformar num mercado! O mar é lugar de peixe, *num* é lugar de venda!

— Relaxe, meu primo, não é bem assim!

— É assim, sim! Conheço bem essas ideias e conheço bem onde isso tudo vai chegar!

O grupo na Boca do Povo murmurou. Uns assentiram, outros cochicharam entre si, enquanto Paulinha ergueu a mão.

— Calma, *Mundim*, vamos ouvir *Antôim* primeiro, depois a gente vê se a ideia é boa ou não — apaziguou Paulinha.

— Obrigado, *minha mana*, eu vou explicar — falou o ministrante. — Redonda *tá* passando por muitas mudanças. A casa de farinha, como bem disse Dendê, *tá* caindo aos pedaços. O grupo de capoeira de Paulinha, já nem tem mais. As bandas de reggae daqui estão todas paradas e o grupo de teatro de Tia Luíza agora *tá* só com ela e as duas filhas. Assim não dá, meu povo! Aqui *num* tem uma praça, um parque! Pelo menos tem o mar, mas também é preciso ter mais coisas! A ideia do mirante é evoluir, mas também é pra mostrar que somos resistência!

Após a fala de Antônio, houve um silêncio.

As ondas estavam calmas e na praia havia alguns meninos jogando bola, na maré seca. Por ser terça-feira, as barracas estavam quase todas fechadas, e tinham uns cinco banhistas na praia. Os botes dormiam, com as velas para trás, presas pelas cordas. O grupo na Boca do Povo contava com cerca de quinze pessoas, entre elas homens, mulheres e crianças.

— É verdade, eu concordo — Paulinha levantou-se, com sua voz de anjo e seus óculos de sol extravagantes. — Quando *Antôim* teve essa ideia, ele veio me contar primeiro e *taí* que eu gostei! Redonda *tá* precisando inovar, *tá* precisando ser mais do que um dia já foi! Nossa cultura *tá* é morrendo, e eu digo isso porque é verdade! Mas também é um sinal, um sinal que temos de evoluir e caminhar para o futuro! Não podemos ser cabeça fechada e não aceitar a mudança!

— Eu ainda discordo. — disse Dona Dendê. — Na verdade, concordo que Redonda está perdendo a *gaiatice*. Mas não é com uma ideia dessas que as coisas vão melhorar. Como você bem disse, nós somos resistência. Nós temos que preservar nossa cultura, nosso mar, nossos jovens! Nós *num* podemos sair inventando mil mundos de coisas e não cuidar do que já temos aqui dentro. Por que a capoeira não volta? Por que *num* fazemos alguma coisa para aumentar o teatro de Tia Luíza?

— Calma, mulher, a ideia do mirante é inovar, Dendê! — continuou Antônio, já se estressando — A gente pode fazer muita coisa, mas primeiro temos que arrumar o pão de cada dia. Hoje Redonda tem muitos turistas, um mirante vai ser ótimo para aproveitar a oportunidade de chamar mais atenção, mais recursos e mais projetos!

O silêncio voltou.

Aquela era uma comunidade serena, unida e viva, com as pessoas sempre

se ajudando e também fazendo presente uns com os outros. Algumas notícias demoravam para chegar até ali, cartas tinham de ser pegas no centro da cidade, muitas compras eram só no distrito vizinho, e era certo que a Redonda era um local distante do mundo globalizado. No entanto, o futuro era iminente e as tecnologias das cidades aos poucos viriam e tomariam parte da simplicidade daquela pequena prainha. O destino imutável estava vindo, e os mais velhos tinham receios. Por outro lado, a tradição estava sendo repassada e atualizada. Alguns mais jovens tinham desinteresse naquele passado, de sofrimentos, incertezas e falta de propósito. Mas nem todos eram assim.

Pedro levantou-se, com o olhar fixo no mar, onde um dia ficava a casinha. O menino, de uns treze anos, falou baixo, mas sua voz cortou o silêncio.

— A casinha Jacumã era legal, era bonita. Mas ela era da Redonda, era nossa. A gente *num* pode usar de coisas tão importantes da comunidade *pra* transformar em um parque pra quem *nem* é daqui. Se querem fazer outro lugar, façam aqui perto, onde todo mundo pode ir. Vovó *num* vai conseguir remar até lá no mar para vender as coisas dela, nem as outras pessoas. A casinha caiu, mas a gente ainda *tá* aqui. Então, por que não arrumar primeiro o que já *tá* caindo aqui perto, em vez de construir lá longe? Depois a gente vê como nadar além do mar.